

## **Ficção, História e Memória da guerra em Angola: o soldado e o guerrilheiro**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Haidê Silva (ISEAP)

### **Resumo:**

*O objetivo do presente trabalho é tratar da relação entre ficção, história e memória da Guerra de Angola, do ponto de vista do soldado português, no romance *Os Cus de Judas*, de Antonio Lobo Antunes, e do guerrilheiro angolano, no romance *A Geração da Utopia*, de Pepetela. Pretendemos, então, analisar como a história da guerra em Angola pode ser recontada a partir de dois pontos de vista completamente diferentes, ou seja, o do soldado português que foi enviado para combater os revolucionários, e do guerrilheiro angolano que lutou contra as tropas portuguesas pela independência de Angola. Partimos da hipótese de que apesar de diferentes, os narradores, que representam os dois pontos de vista, utilizam estratégias narrativas bastante semelhantes, uma vez que ambos recorrem à memória do passado para rever a história através da obra de ficção. Outro ponto em comum, a nosso ver, seria a reflexão que ambos fazem a respeito do significado e consequências daquela guerra.*

**Palavras-chave:** ficção, história, memória, Lobo Antunes, Pepetela

## **1 Introdução**

O objetivo do presente trabalho é tratar da relação entre ficção, história e memória da Guerra de Angola, do ponto de vista do soldado português, no romance *Os Cus de Judas*, de Antonio Lobo Antunes, e do ponto de vista do guerrilheiro angolano, no romance *A Geração da Utopia*, de Pepetela.

Para tanto, pretendemos analisar como a história da guerra em Angola pode ser recontada a partir de dois pontos de vista completamente diferentes, ou seja, a do soldado português que foi enviado para combater os revolucionários, e do ponto de vista do guerrilheiro angolano que lutou contra as tropas portuguesas pela independência de Angola.

Partimos da hipótese de que apesar de diferentes, os narradores, que representam os dois pontos de vista, utilizam estratégias narrativas bastante semelhantes, uma vez que ambos recorrem à memória do passado vivido para rever a história através da obra de ficção. Outro ponto em comum, a nosso ver, seria a reflexão que ambos fazem a respeito do significado e consequência daquela guerra.

## 2 Os Cus de Judas

Em *Os cus de Judas*, após o retorno da guerra em Angola, o narrador resolve narrar a sua história às mulheres que encontra nos bares, à noite, em Lisboa. À medida que o médico psiquiatra vai contando a sua história, surge a oportunidade de rever o seu passado e, procedendo assim, além de questionar a si mesmo ele também questiona a política implementada pelo Estado Novo português para reprimir o movimento de libertação das colônias portuguesas na África.

Com o distanciamento no tempo e no espaço, a personagem consegue compreender perfeitamente os interesses que levaram o Estado Novo português a empreender tal guerra e dessa forma, questionando o passado a partir do presente, a personagem responsabiliza a nação portuguesa não só pela destruição causada na vida das pessoas mais também por ter arrasado nações inteiras apenas para que fossem satisfeitos os seus interesses políticos de imperialismo. Nesse contexto, a revolta contra o Estado Novo português é inevitável:

De pé, à porta da sala de operações, com os cães do quartel a farejarem-me a roupa, gulosos do sangue dos meus camaradas feridos, a lamberem o sangue dos meus camaradas feridos nas nódoas escuras das minhas calças, da minha camisa, dos pelos claros dos meus braços, eu odiava, Sofia, os que nos mentiam e nos oprimiam, nos humilhavam e nos matavam em Angola, os senhores sérios e dignos que de Lisboa nos apunhalavam em Angola, os políticos, os magistrados, os policiais, os bufos, os bispos, os que ao som de hinos e discursos nos enxotavam para os navios da guerra e nos mandavam para África, nos mandavam morrer em África e teciam às nossas voltas melopeias sinistras de vampiros. (ANTUNES, 1984, p. 131-132)

Além de responsabilizar o Estado português pelas mortes e mutilações dos jovens portugueses enviados para a guerra em Angola, a personagem também questiona a política de repressão implementada pelo Estado Novo para conter os movimentos de libertação das colônias portuguesas na África, e entre os vários erros cometidos, é apontada a substituição dos chefes verdadeiros por chefes nomeados:

Os fascistas fizeram grandes erros em África, percebe, grandes e estúpidos erros em África, porque o fascismo felizmente é estúpido, suficientemente estúpido e cruel para se devorar a si mesmo, e um deles foi substituir os chefes de sangue, os nobres, altivos e indomáveis chefes de sangue, por sobas falsos, que o povo escarnecia e desprezava em segredo, continuava a obedecer às autoridades verdadeiras ocultas na mata, o soba Caputo, por exemplo, agarrou na imagem de madeira do deus Zumbi, desapareceu na noite, e a sua gente, perplexa, contemplava o nicho vazio numa consternação aflita, recebia as instruções dos tambores que latiam na treva as suas têmporas reboantes de ecos. (ANTUNES, 1984, p. 139- 140).

Terminada a guerra, os soldados finalmente podem retornar ao país de origem. Mas, antes disso, deveriam passar por um exame médico:

A porta de África (...) um médico (...) examina-nos o mijo, a merda, o sangue, para que não infectemos o País do nosso pânico da morte, da lembrança do rapaz louro coberto por um pano no meu quarto, dos eucaliptos de Ninda e do enfermeiro sentado na picada de intestinos nas mãos, a olhar para nós num espanto triste de bicho. Trazemos o sangue limpo, Isabel: as análises não acusam os negros a abrirem a cova para o tiro da PIDE, nem o homem enforcado pelo inspetor na Chiquita, nem a perna do Ferreira no balde de pensos, nem os ossos do tipo de Mangando no telhado de zinco. Trazemos o sangue tão limpo como o dos generais nos gabinetes com ar condicionado de Luanda, deslocando pontos coloridos no mapa de Angola, tão limpo como o dos cavalheiros que enriqueciam traficando helicópteros e armas em Lisboa, a guerra é nos cus de Judas, entende, e não nesta cidade colonial que desesperadamente odeio, a guerra são pontos coloridos no mapa de Angola e as populações humilhadas, transidas de fome (ANTUNES, 1984, p. 165-166)

Embora os exames atestassem que não havia problemas de saúde, o fato de “estar limpo” não impede que a sociedade portuguesa receba os retornados com desprezo, e que a personagem retorne com a autoestima tão baixa a ponto de sentir vergonha de si mesma e de precisar viver embriagada para se livrar das lembranças da guerra:

Queria desesperadamente ser outro, sabe, alguém que se pudesse amar sem vergonha e de que os meus irmãos se orgulhassem, de que eu próprio me orgulhasse ao observar no espelho da barbearia ou do alfaiate o sorriso contente, o cabelo louro, as costas direitas, os músculos óbvios sob a roupa, o sentido de humor à prova de bala e a inteligência prática. Irrita-me este invólucro inábil e feio que é o meu, as frases enroladas na garganta, a falta de lugar para as minhas mãos defronte das pessoas que não conheço e me amedrontam, (...) o homenzinho derrotado que sou. (ANTUNES, 1984, p.148-149)

### **3 A Geração da Utopia**

*A geração da utopia* (1995), é um romance dividido em quatro partes: A casa (1961), A chana (1972), O polvo (Abril de 1982), O templo (A partir de Julho de 1991). A primeira parte, narrada em terceira pessoa, é dedicada ao registro do tempo de tomada de consciência da necessidade de mudança pela juventude africana que se reunia na Casa dos Estudantes do Império. O narrador descreve minuciosamente a importância dessa convivência e do tempo de tomada de consciência que advém dela, para a personagem Sara, que nascida em Benguela, descobre Angola enquanto estudava medicina em Lisboa:

Foram anos de descoberta da terra ausente. E dos seus anseios de mudança. Conversas na Casa dos Estudantes do Império, onde se reunia a juventude vinda de África. Conferências e palestras sobre a realidade das colônias. As primeiras leituras de poemas e contos que apontavam para

uma ordem diferente. E ali, no centro mesmo do império, Sara descobria a sua diferença cultural em relação aos portugueses. Foi um caminho longo e perturbante. Chegou à conclusão que o batuque ouvido na infância apontava outro rumo, não o do fado português. Que a desejada medicina para todos não se enquadrava com a estrutura colonial, em que uns tinham acesso a tudo e outros nada. Que o índice tremendo de mortalidade infantil existente nas colônias, se não era reflexo direto e imediato duma política criminoso, encontrava nela uma agravante e servia os seus objetivos. E demonstrou essas ideias numa palestra que fez com um médico cabo-verdiano, no ano passado. Palestra prudente, com cuidadosa escolha das palavras, que lhe valeu muitos aplausos no fim, mas também uma chamada à Pide, a polícia política, para advertência. (PEPETELA, 1995, p. 13)

Aníbal, que já havia terminado os seus estudos, estava justamente naquele momento cumprindo o serviço militar obrigatório, e nos seus dias de folga, retornava à Lisboa para visitar os amigos na Casa dos Estudantes. Em uma dessas visitas, ele convida Sara para passear longe da Casa e do café Rialva porque precisava conversar a sério com ela e em particular. Durante a conversa, Aníbal confessou que estava indo para a França ajudar a preparar a saída dos estudantes estrangeiros de Portugal, o que não seria nada fácil, pois não haveria meio de conseguirem o passaporte e portanto, deveriam sair ilegalmente. Sugere a Sara que ela peça o passaporte e caso não consiga, que então pense em aproveitar a saída junto com os demais. Aníbal despede-se com a promessa de que fará o possível para que ela também possa sair de Portugal em segurança.

Após alguns meses de espera, finalmente a fuga dos estudantes angolanos foi providenciada, e o grupo no qual Sara estava inserida chegou a Paris. Uma parte dele resolveu continuar os estudos nos países da Europa ou nos Estados Unidos e outra parte integrou os movimentos de libertação, a UPA ou MPLA.

Na segunda parte do romance, ou seja, *A Chana* (1972), o narrador descreve a marcha de um homem, um guerrilheiro, que caminha rapidamente pela Chana na direção do Leste, em busca da “fronteira-refúgio”. E, de acordo com o narrador, o grupo do guerrilheiro em destaque, que julgamos ser Vítor, cujo nome de guerra era Mundial,

Era composto de onze combatentes. Andavam há quase um mês, vindos do Bié para a fronteira da Zâmbia. Atravessaram os planaltos, onde o mel impera, rios e riachos, pântanos, chanas, mas sobretudo matas. Nalguns sítios repousavam dois ou três dias, lá onde a comida era abundante e o povo acolhedor, o que rareava com a aproximação da fronteira. Depois começavam a travessia, cada vez mais cansados mas mais rápidos, à medida que as matas do Moxico ficaram para trás e a Zâmbia vinha até eles. O homem fora chamado ao exterior contactar a Direção do Movimento e os guerrilheiros iam buscar material. Para não ser retardado, recusava a companhia dos elementos do povo que ao grupo pediam para se integrar e montava acampamento afastado das fogueiras de mulheres, velhos, crianças, que recuavam para a fronteira, fugindo da guerra. (PEPETELA, 1995, p. 123)

Aos guerrilheiros cabia enfrentar a situação difícil da caminhada pelo deserto, o combate com os inimigos, resistir à propaganda elaborada para convencê-los a desertar, cujo principal argumento era informá-los que enquanto eles morriam na mata, os chefes do movimento estavam vivendo muito bem no estrangeiro.

O guerrilheiro responsável pelo grupo perdeu-se na mata quando caíram numa emboscada preparada pelos inimigos. O tempo vai passando e o guerrilheiro continua perdido. A dificuldade de administrar o frio, a fome e a sede acabam por fazê-lo refletir a respeito do sentido daquela guerra, e a questionar se não haveria uma parte de verdade na propaganda dos inimigos:

Aqui estou eu, perdido, a sofrer da fome e do frio, sabendo apenas que a salvação está no leste. Para quê? Uns tantos no exterior utilizam o meu sacrifício e o de tantos outros para chegaram aos países amigos e receberem dinheiro. Desse dinheiro, metade vai para os seus bolsos e dos parentes e amigos. A outra metade serve para aguentar a guerra. Esta parte destinada à guerra é o capital investido para apresentarem êxitos aos amigos e receberem mais, não é por estarem interessados em libertar o país. Já fui parvo, já acreditei na boa fé de toda a gente. Agora já não me levam. Foi a última vez que vim combater. Se pensam vou voltar ao interior estão muito enganados. Vão lá eles, os donos da guerra. Vão ver se se pode lutar assim, sem mantimentos, sem povo, com guerrilheiros que fogem ao primeiro tiro. Claro, vão dizer, se os guerrilheiros não são corajosos, é porque os responsáveis não os moralizam. Mas como moralizar um homem que se apercebe de todas as injustiças? Vão dizer, isso é influência da propaganda inimiga, os pequeno-burgueses? Se é propaganda do inimigo, ela constata uma realidade. Ou o inimigo é sempre mentiroso? (PEPETELA, 1995, p. 136-137)

Antes de Mundial (Vítor) partir com o seu grupo de guerrilheiros para atender ao chamado da Direção do Movimento, ele tem uma conversa com o Sábio (Aníbal), na qual os dois avaliam a organização do movimento e os rumos da guerra. Para o Sábio, a organização do movimento não correspondeu às expectativas da população, pois prometeram muito e não deram nada em troca:

Quantos mortos nesta guerra? Quantos lares abandonados, quantos refugiados nos países vizinhos, quantas famílias separadas? Para quê? Quando penso nos sofrimentos somados de todos, nas esperanças individuais destroçadas, nos futuros estragados, no sangue, sinto raiva, raiva impotente, mas contra quê? Já nem é contra o inimigo. Cumpre o seu papel de colonizador. O colonialista é colonialista, acabou. Dele não há nada a esperar. Mas de nós? O povo esperava tudo de nós, prometemos-lhe o paraíso na terra, a liberdade, a vida tranquila do amanhã. Falamos sempre no amanhã. Ontem era a noite escura do colonialismo, hoje é o sofrimento da guerra, mas amanhã será o paraíso. Um amanhã que nunca vem, um hoje eterno. Tão eterno que o povo esquece o passado e diz ontem era melhor que hoje. (...) Um povo cansa-se se só ouve mentiras. Nada foi organizado, já não digo para melhorar, mas pelo menos manter o nível de vida da população. (...) Quem traiu, foi o povo? Não, foi heroico, resistiu durante anos. Mas toda a resistência termina se não há uma perspectiva. (PEPETELA, 1995, p. 141)

Além da falta de organização das lideranças do movimento, no que diz respeito a atender as expectativas do povo, o Sábio aponta que há também uma disputa interna pela

liderança, ou seja, os do Leste disputam o poder com os do Norte e dessa forma, tornam-se inimigos e combatem-se dentro do próprio movimento:

Mas por que ontem eu era o irmão e hoje sou visto quase como inimigo? Vivo nestas matas há cinco anos, falo a língua daqui, amei com todo o respeito uma mulher do Leste, cuja morte me matou. Sou mesmo do Norte? Nunca me vi assim, sou apenas angolano. Então por que agora se viram contra mim, por que tudo o que digo deve ser falso, quando antes era quase sagrado? (PEPETELA, 1995, p. 143)

Mukindo, um guerrilheiro de outro grupo, que não tinha Mundial como responsável, expressa muito bem o que pensa a respeito dos guerrilheiros que ascendem a diretores apenas porque tinham o privilégio de falar português:

As pessoas quando sobem começam só a pensar nas barrigas deles, esquecem o povo. Mesmo alguns dos nossos que quando estavam na base eram bons. Mas depois subiram porque sabiam falar português, uns tinham andado na escola do tuga, outros eram mesmo professores. Foram promovidos. Ao povo falavam a nossa língua, prometiam acabar com a exploração. Mas viviam das migalhas que os dirigentes deixavam na mesa depois de comerem bem. Alguns mobilizavam-nos contra os dirigentes, contra os kamundongos. Afinal também aldrabavam, só queriam aproveitar do poder. (PEPETELA, 1995, p. 172)

De qualquer forma, e apesar de todas as disputas internas e da dificuldade enfrentada pelos guerrilheiros, parece que toda reflexão aponta que a guerra foi estragada, não cumpriu os seus objetivos e por isso é preciso mudar de rumo, e para alguns, essa mudança só seria possível se os guerrilheiros se mobilizassem para exigir a substituição dos chefes:

Mas então é preciso mudar os chefes – disse Mundial. Só os que querem fazer a guerra podem dirigi-la. Por isso é necessário reunir, discutir, arranjar novos responsáveis. Essas reuniões são necessárias, se os militantes estão a querer escolher os chefes. Não sei nada do que se passa, lá na frente ninguém está informado. Mas acho que se essas reuniões são para se eleger novos dirigentes, então isso é bom, é o momento para se modificar a organização. (PEPETELA, 1995, p. 173)

Na terceira parte, O Polvo (Abril de 1982), Aníbal, isolado e desiludido com os rumos dos acontecimentos, refugia-se no morro da Caotinha, onde vive em uma casa modesta, alimenta-se da pesca diária, recebe uma pensão também modesta do Estado e consegue atingir o objetivo de matar o Polvo que o assustara quando criança.

É também nesse momento de exílio voluntário que ele se reencontra com Sara e finalmente pode viver a história de amor que adiou, talvez em consequência da própria instabilidade daquele momento de revolução. Em uma das visitas de Sara a Caotinha, Aníbal expressa muito bem a sua desilusão com aquilo que denomina A geração da utopia:

Costumo pensar que a nossa geração se devia chamar a geração da utopia. Tu, eu, o Laurindo, o Vítor antes, para só falar do que conhecestes.

Mas tantos outros, vindo antes ou depois, todos nós a um momento dado éramos puros e queríamos fazer uma coisa diferente. Pensávamos que íamos construir uma sociedade justa, sem diferenças, sem privilégios, sem perseguições, uma comunidade de interesses e pensamentos, o Paraíso dos cristãos, em suma. A um momento dado, mesmo que muito breve nalguns casos, fomos puros, desinteressados, só pensando no povo e lutando por ele. E depois... tudo se adulterou, tudo apodreceu, muito antes de se chegar ao poder. Quando as pessoas se aperceberam que mais cedo ou mais tarde era inevitável chegarem ao poder. Cada um começou a preparar as bases de lançamento para esse poder, a defender posições particulares, egoístas. A utopia morreu. E hoje cheira mal, como qualquer corpo em putrefação. Dela só resta um discurso vazio. (PEPETELA, 1995, p. 202)

A respeito da solidão que talvez pudesse sentir isolando-se naquele lugar tão distante, Aníbal diz o seguinte: “a pior solidão é estar numa multidão de gente com quem já não tens mais nada em comum”. (PEPETELA, 1995, p. 206)

Na quarta e finalmente última parte do romance de Pepetela, O Templo (A partir de Julho de 1991), temos a descrição da necessidade de reforma do Estado, que já não poderia continuar tão paternalista, pois dessa forma não conseguiria atender aos anseios da população. Em uma conversa com Malongo, que defendia a privatização dos serviços oferecidos pelo Estado e um enxugamento dos gastos, Orlando explica porque a reforma estatal não poderia ser tão radical naquele momento:

Poderá ser racionalizado, há muitos serviços mesmo que vão desaparecer. Mas não será o tal enxugamento radical que alguns prometem. Porque não é possível, porque estamos num país subdesenvolvido, onde ou o Estado faz algumas coisas ou ninguém faz. O caso do ensino é exemplar. A moda agora é o discurso sobre o ensino privado. Todos os políticos descobriram de repente que a solução mágica do problema da falta de escolas e professores é o privado. Afinal quantas escolas vão abrir com capitais privados? São as milhares que se precisam? Nada. Poderá haver um ou outro grupo de professores que o tentem, e só o podem fazer com o apoio financeiro do Estado. (...) Num país sem burguesia nacional, ou o Estado assegura alguns serviços ou então é o vazio. Facilmente ocupado pelos estrangeiros. Por isso esse discurso ultraliberalista não é só teórico nem inocente. Corresponde a uma estratégia invasora por parte de quem o propaga. Que afinal são sempre os mesmos invasores da história moderna, hoje com o campo todo aberto. (PEPETELA, 1995, p. 264-265)

Aníbal finalmente deixou o exílio voluntário e a casa no morro da Caotinha para ir a Luanda visitar Sara e Judite, e no dia de sua chegada, após o jantar, Orlando, o noivo de Judite, lhe diz o seguinte:

Começa a ser tempo de se fazer a História disto tudo. Como uma geração faz uma luta gloriosa pela independência e a destrói ele própria. Mas parece que a gente da sua geração não é capaz de a fazer. E a minha geração, a dos que agora têm trinta anos, não sei. Fomos castrados à nascença. Eu tinha treze anos quando Luanda se mobilizou em massa para receber os heróis da libertação. Fiz parte duma base de pioneiros, à

entrada da Ilha, onde morava. Vivíamos para aquilo. Marchávamos, ouvíamos os relatos dos mais velhos vindos das matas, cantávamos as canções revolucionárias, inventamos aquela marcha-dança que se espalhou por todo o País, misto de fervor patriótico e imaginação criativa. E depois quiseram enquadrar-nos. Disseram, devem marchar como os soldados, vocês são os futuros soldados. Já não podíamos dar aqueles passos malucos que arrancavam palmas a toda a gente, vai para a frente, um passo para o lado, volta para trás, uma piada no meio. Mesmo no Carnaval, anos mais tarde, só se podia marchar como os soldados, os grupos deixaram de dançar. Liquidaram a imaginação, em nome duma moral militarista, de disciplina de caserna ou de convento, não sei, já não se podia criticar, dizer o que se pensava, tinha de se pensar antes de dizer. Houve as lutas internas, golpes de palácio que ninguém entendia, afastamentos de tipos que para nós eram heróis, outros iam parar à cadeia. E a minha geração, jovem e entusiasmada, foi perdendo o entusiasmo, foi considerando que a política era algo proibido e perigoso, só se devia cumprir e não pensar. Ela aí está, pensando só no carro e nas viagens, no futebol e nas farras. Sem meta na vida. (PEPETELA, 1995, p. 303-304)

Aníbal explicou a Orlando que os intelectuais falharam nos seus propósitos, pois sempre tiveram boas ideias, mas nunca conseguiram organizar-se coerentemente e suficientemente para defendê-las, e talvez, por isso mesmo, tenha ocorrido tantos golpes e contra-golpes que acabaram por confundir a população, que inicialmente se encontrava entusiasmada com a guerra de independência e talvez justamente por isso, a geração da utopia não tenha conseguido deixar nada de proveitoso para a geração que a seguiu, a não ser a conquista da independência.

## Conclusão

No que diz respeito ao foco narrativo, podemos dizer que enquanto em *Os Cus do Judas*, o narrador é também personagem da história que conta, e portanto, narra em primeira pessoa o seu testemunho da guerra, em *A Geração da Utopia*, temos um narrador em terceira pessoa, que sabe tudo a respeito das personagens, até mesmo o que elas estão pensando. Além disso, consideramos também narradores, cada um dos personagens, pois a eles também é dado o direito de registrar os acontecimentos daquela guerra. Assim, se em *Os Cus de Judas* temos uma narração em primeira pessoa, em *A Geração da Utopia* temos uma multiplicidade de narradores.

Nos dois romances analisados existe uma preocupação por parte dos narradores e personagens de provocar uma reflexão a respeito dos erros cometidos durante a guerra em Angola: enquanto o soldado português aponta os erros cometidos pelo Estado português, os guerrilheiros apontam os erros cometidos pela falta de organização do movimento, a luta pelo poder e manutenção dos privilégios de alguns, ou seja, erros que levaram a população a deixar de acreditar na guerra e conseqüentemente de continuar apoiando os guerrilheiros.

Assim, se o soldado português responsabiliza a política do Estado Novo pelas atrocidades da guerra e pela marginalização daqueles que conseguiram sobreviver e retornar de Angola, os guerrilheiros angolanos, principalmente Aníbal, responsabilizam a

falta de organização do movimento, a luta pelo poder e manutenção dos privilégios e a falha dos intelectuais pelo fato de não terem conseguido fazer prevalecer as suas vontades no que diz respeito a constituição de um país mais justo e igualitário após o término da guerra e também por não ter deixado de herança para a próxima geração nada além da liberdade.

Os narradores dos romances comparados são ex-cêntricos, ou seja, de alguma forma consideram-se marginalizados. Em Lobo Antunes, a personagem encontra-se à margem da sociedade que a despreza justamente por ser um retornado da guerra em Angola e em Pepetela, a personagem Aníbal também se considera um marginalizado, pois não se identifica com as ideias daqueles que tomaram o poder e que organizaram a sociedade após a luta pela independência de Angola.

Para nós, a vantagem de se encontrarem à margem da história que contam, de certa forma permitem-lhes poder testemunhar os acontecimentos históricos mais à vontade e problematizá-los de dentro, mesmo estando à margem. Assim, se narradores e personagens dialogam com o passado, isso não acontece de forma nostálgica, eles apenas revisam o passado através do presente e com a contribuição da memória que guardaram dos acontecimentos históricos, para problematizá-los à medida que os revisitam à luz do presente.

Nos romances em questão, temos o registro da guerra em Angola e a reconstituição dos fatos histórico a partir de pontos de vista diferentes; no entanto, os objetivos parecem ser os mesmos: rever o passado a partir do presente e repensar o sentido e as consequências daquela guerra e de como as coisas poderiam ter sido diferente, caso as decisões políticas não tivessem sido tomadas em prol da manutenção dos privilégios de uma minoria, que como sempre, desconsideraram o sacrifício da maioria.

Se em Lobo Antunes o narrador deve a história da guerra à memória dos colegas mortos, em Pepetela, a multiplicidade de narradores/personagens que constroem a história da guerra em Angola, devem-na justamente a esta geração de guerrilheiros que apesar da divergência de ideais e dos erros cometidos, lutaram pela independência de Angola.

De qualquer forma, a história, ou melhor, as histórias da guerra em Angola são reconstituídas a partir do diálogo entre presente e passado e por intermédio da memória que narradores e personagens guardaram do passado. Assim, podemos afirmar que a relação entre ficção, história e memória nos romances analisados se estabelece a partir do momento em que a História é revisitada através da Ficção com a inevitável ajuda da Memória, individual e coletiva, sem a qual a reconstrução do passado não seria possível nem para o narrador de *Os Cus de Judas* e tampouco para os narradores-personagens do romance *A Geração da Utopia*.

## Referências Bibliográficas

ABLAS, Maria de Nazaré Ordonez de Souza. *Conflito de identidades em a geração da utopia e o esplendor de Portugal*. São Paulo, 2003(Tese de Doutorado).

ANTUNES, Antônio Lobo. *Os Cus de Judas*. Rio de Janeiro, Editora Marco Zero, 1984.

BAKHTIN, Mikhail . *Questões de Literatura e de Estética: A Teoria do Romance*. São Paulo, Unesp/Hucitec, 1988.

BURKE, Peter (Org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. Tr: Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

CARR, Edward Hallet. *Que é história?*. 8ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

DUBY, Georges. *História e Nova História*. Tr: Carlos da Veira Ferraira. Lisboa: Teorema, 2ª Ed. s/d.

HOBBSBAWM, Eric. *Sobre História*. Tr: Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOURS, Joseph. *O Valor da História*. Tr: Rosa Henriques. Coimbra: Almedina, 1989.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tr: Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed, 1991.

MARQUES A. H., de Oliveira. *História de Portugal*. Lisboa, Palas, 8ª. ed., 2 vols, 1980.

MATTOSO, José. *História de Portugal: O Estado Novo (1926-1974)*. V. 7. Lisboa, Editorial Estampa, s/d.

PEPETELA. *A Geração da Utopia*. 3ª ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

SANTOS, Maria Alzira de Souza. *Os cus de Judas e Mayombe: da imposição da dor à superação do vazio*. São Paulo, 2000, (Dissertação de Mestrado).

\_\_\_\_\_. *A Geração da Utopia e Memórias do Cárcere: a resistência como re-existência*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010. (Tese de doutorado)

SERRÃO, Joel. *Temas de cultura portuguesa*. Livros Horizonte, 1983.

SILVA, Haidê. *A metaficção historiográfica no romance Os cus de Judas de Antonio Lobo Antunes*. 2007, Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SIMÕES, Maria de Lourdes Neto. “Para não dizer que não falei dos cravos” . In: *As razões do imaginário*. Universidade Estadual de Santa Cruz, 1998. Disponível em [www.uescba.com.br](http://www.uescba.com.br)